

VISÃO DO CORREIO

O sonho lunar e as urgências terrestres

Durante décadas, a expressão “vender terreno na Lua” foi sinônimo universal de golpe, o exemplo máximo do estelionato praticado por vigaristas contra incautos sonhadores. Oferecer a posse do inalcançável era a definição clássica de enganação. Por isso, não deixa de ser curioso — e, até certo ponto, irônico — o anúncio da SpaceX, empresa comandada pelo trilionário Elon Musk, de que a prioridade de seus esforços espaciais se voltará para a construção de uma cidade na Lua.

O anúncio marca uma mudança tremenda nos planos originais da SpaceX. Musk nunca escondeu que seu objetivo e sonho é iniciar uma colônia humana em Marte. Mas dificuldades de logística, como a viagem com duração de mais de seis meses até o Planeta Vermelho, obrigaram o controverso empresário a voltar seus olhos para a Lua, que tem, entre outras facilidades, a distância de apenas três dias de viagem.

Para além do deslumbramento com foguetes reutilizáveis e bases pressurizadas, o anúncio de Elon Musk provoca a sociedade a uma reflexão ética sobre o destino dos recursos globais e a própria natureza das aspirações. Além de todos os problemas da sociedade, guerras e conflitos cada vez mais tensos e a aceleração da crise climática, que já impõe perdas irreversíveis a populações inteiras, observa-se uma desconexão gritante de prioridades.

O investimento maciço na colonização da Lua, um local totalmente hostil e inóspito à vida, num momento em que a governança global falha em garantir o básico — água, alimento e segurança — para bilhões de pessoas, soa como uma dissonância cognitiva em escala planetária. Busca-se oxigênio na Lua enquanto dei-

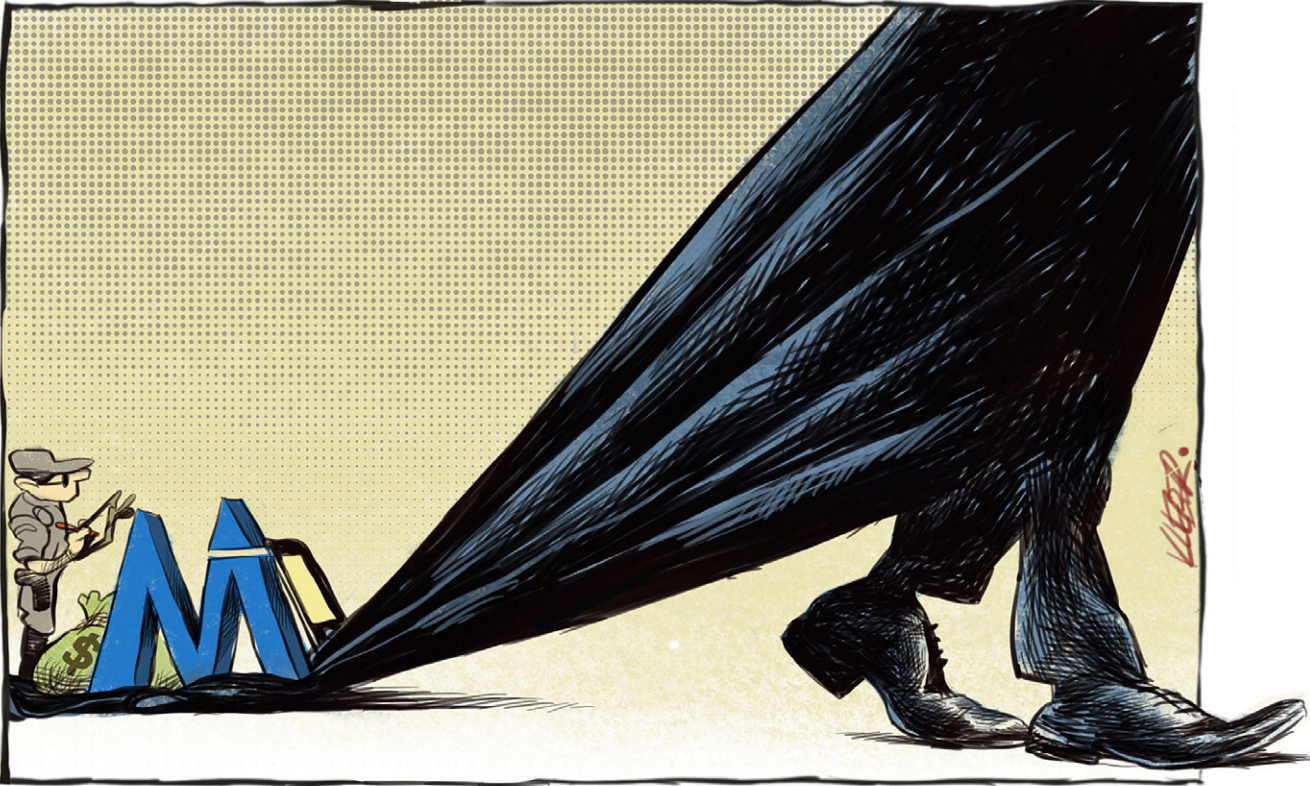
xa-se o ar irrespirável na Terra.

Não se trata de negar o valor da exploração espacial. A ciência, a tecnologia de materiais e as telecomunicações devem muito à corrida para o cosmos. Mas é gritante o contraste entre a sofisticação da engenharia necessária para manter a vida no vácuo espacial e a incapacidade política de garantir a sobrevivência digna em ecossistemas abundantes na Terra.

Há, além disso, um perigo moral quando a colonização de outros mundos passa a ser vendida — implícita ou explicitamente — como um “plano B” para uma elite ou como uma rota de fuga de um planeta que nós mesmos estamos exaurindo, conforme o próprio Musk já avisou que pretende. A fascinação por morar em cidades dentro de redomas de vidro em Marte ou na Lua não pode servir de cortina de fumaça para o fracasso na gestão da Terra.

Antes da autoproclamação de que somos uma espécie multiplanetária, há o dever inadiável de provar que somos capazes de ser uma espécie sustentável. De que adianta exportar a presença humana para as estrelas se levarmos na bagagem os mesmos vícios de desigualdade, predação e negligência que ameaçam a casa original?

O sonho de caminhar em outros mundos é legítimo e inspirador, mas ele não deve atropelar a responsabilidade presente. A Lua pode esperar; a fome, a crise climática e as guerras que assolam este pálido ponto azul, não. A verdadeira fronteira a ser conquistada não está a 384 mil quilômetros de distância, mas aqui mesmo, na resolução das mazelas que ainda nos prendem ao chão. Antes de olharmos para o céu com cobiça imobiliária, precisamos resolver a Terra com urgência humanitária.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Campanha da Fraternidade

“Fraternidade e Moradia”: esse será o tema da Campanha da Fraternidade de 2026, que propõe uma discussão sobre o déficit habitacional no país. O tema é bastante atual e oportuno. Atualmente, cerca de 6 milhões de famílias brasileiras não têm casa para morar. Iniciaremos a Quaresma em 18 de fevereiro, na quarta-feira de cinzas. Vamos iniciar um tempo especial de conversão e penitência, em preparação para a Páscoa. Por isso, a quarta-feira de cinzas é dia de jejum e abstinência. Em todo o Brasil, na mesma ocasião, será também lançada a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2026, que completa 62 anos. Trata-se de uma ação da Igreja Católica que visa alargar o horizonte da vivência da fé, trazer temas de cunho social para o centro da reflexão eclesial e incentivar ações transformadoras. O embrião da iniciativa surgiu na cidade de Natal, em 1961, quando a arquidiocese local, impulsionada por dom Eugênio Sales, se mobilizou para arrecadar fundos em prol de obras sociais. No fim de 1963, a campanha foi lançada em âmbito nacional e, desde então, tem abordado anualmente temas como a fome, o problema fundiário, os direitos dos menores, o desemprego, as drogas, a vida no planeta etc.

» José R. Pinheiro Filho
Asa Norte

Estereótipos

A declaração do senador Flávio Bolsonaro, ao chamar o presidente Lula de “Opala velho”, “produto vencido”, “retrógrado” e outras depreciáveis ofensivas ignora exigências éticas, como observar o princípio de respeito à dignidade humana e combater o preconceito e a discriminação etária. É odioso rotular alguém em termos depreciativos que remetem à velhice ou à obsolescência intelectual. Esse comportamento configura a opção neoliberal pelo descarte de pessoas consideradas imprestáveis e ultrapassadas, enquanto podem ser mais sábias, experientes e capazes. Cumpre destacar ainda dois outros aspectos detestáveis revelados pelo pré-candidato à presidência da República. A sua hipocrisia e o seu mau caráter ao pretender desqualificar o adversário pela depreciação da sua idade. E a sua incapacidade de apresentar realizações e propostas sérias e convincentes para o governo do país. Resumindo: um político inepto e com uma postura que reforça estereótipos negativos.

» Geraldo Moises Martins
Lago Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Fim da escala 6X1: trabalhar menos ganhando o mesmo salário não existe em nenhum lugar do mundo. O PT só sabe criar polêmica, fazer confusão

Carlos Alberto do Nascimento — Brasília

Transporte gratuito no carnaval não adianta se a frota é reduzida. É uma falta de respeito a pessoa ficar uma hora esperando um ônibus passar no domingo e no feriado!

Macon Marques — Brasília

O TJSP recorrer contra a decisão que proíbe penduricalhos é uma obra-prima de sinceridade involuntária. Quando o assunto é cortar benefícios, a urgência some; quando é para ampliá-los, a caneta costuma ser bem mais rápida.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Apenas quatro padres superam o teste físico da PMDF para vaga de capelão. Rezem 10 pais-nossos, 10 ave-marias e vamos malhar.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Caso Master

O senador Renan Calheiros (MDB-AL) não está mesmo disposto a fazer graça com ninguém na longa agenda de trabalho já aprovada na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) sobre os escândalos do Banco Master/BRB. Depois do carnaval, não haverá choro nem vela para quem estiver envolvido nas roubalheiras. Ilustres autoridades dos diversos setores da vida pública serão ouvidas na comissão. A começar pelo encalacrado dono do Master, Daniel Vorcaro, pelo presidente do Banco Central e pelo diretor-geral da Polícia Federal. Renan Calheiros pretende que o presidente Lula preste esclarecimentos, por escrito, sobre reuniões fora da agenda oficial com Vorcaro. Calheiros explicou que não existe acusação direta contra Lula, mas defende explicações do presidente para evitar especulações.

» Vicente Limongi Netto
Asa Sul

Felicidade

Os milionários quiseram comprar a “felicidade” com seu dinheiro, os políticos quiseram conquistá-la com seu poder, as celebridades quiseram seduzi-la com sua fama. Mas ela não se deixou achar. Balbuciando aos ouvidos de todos disse: “Eu me escondo nas coisas simples e anônimas”. Todo ser humano passa por turbulências em sua vida. A alguns falta o pão na mesa; a outros, a alegria na alma. Outros são ricos e abastados, mas mendigam o pão da tranquilidade e da felicidade. Dessa forma, a vida se torna um contrato de risco, tem curvas imprevisíveis e acidentes inevitáveis.

» Renato Mendes Prestes
Águas Claras

Concurso público

A prefeita de Groaíras, no Ceará, diz ser contra concursos públicos porque os aprovados são “gente de fora”. O concurso público é previsto na Constituição do Brasil e é uma forma democrática de selecionar os melhores para as funções públicas. O serviço público não pode ser uma ação entre correligionários. Na verdade, as contratações por organizações sociais (OS) costumam ser uma forma de burlar concursos públicos.

» Suliayres Sorilha
Itaboraí (RJ)



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

O lado político do carnaval

De hoje até a quarta-feira de cinzas, o Brasil volta a experimentar a mais emblemática suspensão de rotinas. O carnaval toma as ruas como espaço de alegria, irreverência e crítica. É festa, mas a história mostra que, sob confetes e serpentinas, o país também expõe tensões e mazelas políticas. As investigações, por exemplo, que envolvem o Banco Master e alcançam o Supremo Tribunal Federal ganharão forma em fantasias, cartazes e marchinhas. Se dizem que o ano começa depois do carnaval, em 2026 iniciou bem antes. E promete não arrefecer.

O carnaval, ensinam psicólogos e sociólogos, é um período de suspensão provisória das normas. No cotidiano, cada um veste máscaras sociais para proteger o ego e cumprir papéis. Na folia, as defesas se afrouxam. A rua se torna território de expressão, inclusive de desejos reprimidos. Não por acaso, a festa é também um laboratório de identidade. Movimentos como o “Não é não!” mostram que a liberdade só se sustenta quando está acompanhada de limites éticos claros. A permissividade carnavalesca não é salvo-conduto para violência ou desrespeito.

Historicamente, o carnaval de rua, especialmente em cidades como Olinda, é um gesto político. Em 1977, diante da crise financeira e do esvaziamento oficial promovido pelos militares, a população assumiu a organização da festa. Rejeitou o modelo de espetáculo segregado e reafirmou a ocupação democrática do espaço público. Durante a ditadura, vestir a camisa de um bloco e sair às ruas era ato simbólico de resistência. O riso, muitas vezes, aparecia como a única linguagem possível de contestação.

Neste ano, um símbolo da nossa tradição ganhou as telas do cinema. Depois do éxito de *Ainda estou aqui* no Oscar, a produção

de *O agente secreto* projetou nacionalmente a estética e a energia da troça Pitombeira dos Quatro Cantos. A aparição de uma camisa retrô do bloco, usada por Wagner Moura, desencadeou uma corrida por uma igual. O fenômeno revelou dois lados da moeda: o vigor cultural capaz de atravessar fronteiras e a fragilidade estrutural das agremiações, que dependem da venda oficial de seus produtos para financiar desfiles. A pirataria, nesse contexto, é ameaça concreta à sustentabilidade de tradições que sobrevivem mais por paixão coletiva do que por apoio institucional.

Ao mesmo tempo em que a cultura popular ganha as ruas, o topo das instituições enfrenta questionamentos que atingem a espinha dorsal da República. As investigações da Polícia Federal sobre transações relacionadas ao Banco Master e ministros expõem possível conflito de interesses em pleno Supremo Tribunal Federal. Não se trata de prejulgar, mas a crise, se aprofundada, pode se tornar uma das mais delicadas da história recente do Judiciário.

O Supremo, guardião da Constituição, precisa ter em mente que a confiança pública é patrimônio instável. Em tempos de polarização exacerbada, qualquer sombra alimenta discursos de descrédito. E, como vimos em outros momentos históricos, a erosão da confiança institucional raramente produz estabilidade. O calendário reforça essa tensão. Além da ressaca moral e física da folia, 2026 reserva ainda Copa do Mundo e eleições. Dois eventos capazes de mobilizar paixões e redefinir rumos. O país entra no carnaval com o termômetro político elevado e sairá dele ainda mais aquecido. Como o senso comum diz que o Brasil desperta somente na quarta-feira de cinzas, os próximos capítulos prometem.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D4

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br